



Religação da memória

Eternidade humana, de Márcio Catunda

Linda Kogure*

O poeta, contista, romancista, ensaísta e diplomata Márcio Catunda brinda os leitores com a nova edição de *Eternidade humana* (2019), trabalho de exaustiva pesquisa/leitura e dedicada criação poética sobre 82 personagens, alguns iluminados há milênios, outros quase esquecidos na atual era da instantaneidade. Porém, é preciso esclarecer que não se trata de uma publicação biográfica, tal qual o mercado editorial tanto saboreia. Nem se compõe de verbetes enciclopédicos ou de glossário. *Eternidade humana* segue outro viés: são poemas criados em elaborada síntese existencial de mitos e heróis, filósofos, místicos ocidentais/orientais, e de gênios ou artistas, que, no geral, subverteram a ordem vigente de sua época, em prol de suas convicções.

No prefácio, Gilberto Mendonça Teles observa que em *Eternidade humana* o verso tradicional chega “quase a desaparecer”, por direcionar-se à temática: “A força diegética do tema¹ parece sobredeterminar o sentido do discurso, levando-o na direção da

* Doutora em Letras e pós-doutoranda em Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal do Espírito Santo (UFES).

¹ Ainda segundo Teles, os temas são “extraídos da biografia, da história, do mito e da própria literatura”, e a “descrição volta à poesia, torna-se figura do poema, o qual não se torna totalmente prosa pela falta da figura dialógica da narração no enunciado dos poemas” (2019, 16).

narrativa em prosa, embora a serviço da dicção poética” (2019, 16). No entanto, há também sonetos que retratam, por exemplo, “Dostoiévski, o dom do coração” (p. 156) e “Antonin Artaud, louco e genial” (p. 178).

Na nova versão, Catunda se dá ao trabalho de retomar sua pesquisa e evoca outros perfis ou retratos humanos. Resultado: dos 63 contemplados na edição de 2018, o elenco se amplia em 2019, iluminando outros 19 personagens, como “Leonardo da Vinci, paladino da ciência e das artes” (p. 86); “Espinoza e o infinito das coisas infinitas” (p. 114); “Caravaggio, devasso e religioso” (p. 119); “Virginia Woolf, a desesperada” (p. 176); “Franz Kafka, diante da fatalidade” (p. 171), dentre outros. As 126 páginas da primeira edição saltam, na nova versão, para 200.

É como se o poeta-pesquisador-leitor estivesse ainda insatisfeito, inconformado com a falta dessas outras vozes/personagens que demandavam se *presentificar* ou se *materializar* em versos. Se essa via faz sentido ou não, o fato é que Catunda redobrou o fôlego para retomar e incluir, digamos, os *excluídos*, o que significa rigorosa leitura em diferentes fontes e idiomas para sintetizar e adaptar os perfis ou retratos humanos em versos.

O mais curioso é que o elenco de língua espanhola emerge em sua própria língua-mãe, como “Cristóbal Colón, el almirante visionario” (p. 79); “Teresa de Ávila, la mística doctora” (p. 98), e “Cervantes, el ingenioso hidalgo” (p. 111). Teria o poeta – tão fluente em espanhol – aplicado essa tática para deixar fluir mais livremente a criação? Ou essas vozes teriam reivindicado seu perfil no idioma natal? Talvez nenhuma delas. Porque o mais intrigante vem mais à frente: Catunda embaralha esses pontos de interrogação ao celebrar

o genial argentino “Jorge Luis Borges, visionário do tempo” (p. 186), cujos versos estão em língua portuguesa, até que, nos últimos quatro, são expressos em espanhol.² Talvez isso reforce o exercício da “dicção poética” referida anteriormente por Teles.

Observa-se, ainda, que, nas duas edições de *Eternidade humana*, Catunda não se prende a blocos temáticos (filosofia, religião, literatura etc.), nem estrutura o livro por cronologia, o que sugere um roteiro que retoma o passado em rota mais livre, “cobrindo mais de três milênios de mestres reais ou imaginários”, conforme aponta Alexei Bueno na edição anterior (p. 104).

Imaginários, a começar por Mnemosine, a deusa grega da memória, o ponto de partida das duas versões, exatamente a imortal que “ressuscita o passado, / alumbra o presente e evidencia o futuro” (2018, 26; 2019, 22). O que transparece é que o poeta lança a primeira pista para o leitor – sobretudo o mais jovem – iniciar e exercitar sua religação com a memória em três temporalidades: deixar renascer o pretérito que interfere no aqui-agora e premoniza o porvir. Pode ser um sadio exercício na atual conjuntura tão líquida, em que os humanos se distanciam da reflexão para priorizar o clique do presente contínuo e seus excessos de dados instantâneos e tão fluidos.

Ainda no campo da mitologia grega, estão Tirésias, “o cego adivinho de Tebas” (2019, 23); Cassandra, a profetisa que “anteviu, no reflexo das águas / os trágicos acontecimentos” da Guerra de Tróia (p. 25), mas não foi ouvida; Teseu, que derrotou o Minotauro (p. 27); o poeta Orfeu e sua lira (p. 29); e “Ulisses, Rei de Ítaca, e seu

² Aos 80 anos, Borges clamava por “um año más para concluir unos cuentos fantásticos, / una traducción, com María Kodama, de Angelus Silesius, / escribir algunos poemas y conocer, / físicamente, la China y la India” (Catunda: 2019, 188).

Diário de Navegação” (p. 31). Este herói renasce magistralmente em 50 versos e na força da primeira pessoa do singular: “Dezesseis anos de provações padeci alhures, / prisioneiro do vasto mar” (p. 33), em aventuras e desventuras, até conseguir retornar à sua terra natal.

Desse exercício para religar a memória a partir da mitologia, o poeta conduz o leitor aos mais elevados sábios e mestres humanos: de Sócrates, o poeta acentua a coerência do filósofo ao renunciar a possível fuga diante de sua condenação, por “negar os deuses / e corromper a juventude” (p. 43). Optou pela “mortal cicuta, / deitou-se e balbuciou:/ – Desde o dia do nascimento, / a natureza condena o homem a perecer” (p. 44). Também entram no rol dos pensadores, Sêneca e Giordano Bruno. Dos gênios da música estão Vivaldi, Bach, Mozart e Beethoven. Dos numerosos místicos/religiosos, citamos: Lao Tsé, Sidarta Gautama, Patanjali, Jesus, Gandhi, Santa Luzia, Ramakrishna, Ibn Arabi, Alan Kardec, São Francisco de Assis e o brasileiro da Amazônia, José Gabriel da Costa. Todos são reverenciados por um respeitoso ecumenismo, sem preconceito. E, da literatura, destacam-se, por ora, Horácio, Bocage, Dante Alighieri, Goethe, Federico García Lorca, Balzac e outros tantos.

Além de contemplar alguns gênios da pintura (Miguel Ângelo, El Greco, Van Vogh, Ticiano e Nicolas Poussin), conforme dito, há nobre espaço à literatura. O tributo a Homero salta aos olhos. Catunda conecta simultaneamente a mitologia grega à pintura de Poussin e ao poeta-mor ocidental. O próprio título “Homero e sua sagração (segundo Nicolas Poussin)” já realça algumas pegadas. Ou seja, os versos descrevem as imagens/ações do quadro “Parnassu”³(1630-1631), a montanha mitológica do belo e inteli-

³ A pintura está exposta no Museu do Prado, em Madri.

gente Apolo e de suas Musas. Foi no monte sagrado que Homero recebeu “das mãos do luminoso Apolo, / a preciosa taça de néctar e ambrosia” (p. 38).

Os portugueses estão referendados por Camões e Fernando Pessoa, este “no altar da palavra” (p. 172), que, após a morte de Sá Carneiro, segundo Catunda:

À beira-mágoa, sob a chuva oblíqua,
restava a Pessoa
o desdobrar-se em máscaras.
Vigiado por um chefe de ideias estreitas,
fez-se Alberto Caeiro, cidadão de província,
panteísta, andarilho dos bosques de Sintra;
tornou-se Álvaro de Campos.
refugiado na metafísica do cotidiano;
transformou-se em Ricardo Reis,
horaciano, ante a mutação de tudo
e a precariedade das percepções.
Era um Fernando, entre pessoas,
a cismar no mar.
[...]
Cérebro da raça, no mais alto degrau da escada.

(pp. 172-3)

Dentre os brasileiros estão Castro Alves, Cruz e Souza, Gregório de Matos, Augusto dos Anjos e Vinicius de Moraes, o poeta de “vida intensa” (p. 191) e de tantas paixões: “Porque o apaixonado não tem medo de sofrer. / E ele tinha a certeza de que o caminho

do poeta / é um mergulho no entusiasmo / de uma luz magnífica e desconcertante” (p. 192).

Enfim, *Eternidade humana* é um dos mais fascinantes livros dos 49 já publicados por Márcio Catunda. É provável que a seleção dos seus retratados siga sua verve humanista e sua cosmovisão: “É da natureza humana elevar-se como chama / em direção às altas regiões do ar”, como atestam os versos a “Robert Fludd, terapeuta holístico” (p. 120). Página a página, o poeta nos conduz, insistimos novamente, ao ato de religar a memória do passado ao presente, para antever ou, quem sabe, precaver o amanhã. Uma alternativa sadia de sairmos do vício deste presente contínuo. Forma também de reavivar e eternizar a história dos sábios, mestres e gênios da humanidade. Afinal, como diz Luc Ferry, em *A sabedoria dos mitos gregos*: “Nada dura... exceto os escritos! Isso mesmo! Os livros se conservam melhor do que as palavras, melhor do que os fatos e os gestos” (2009, 27).